



VISTA DE PENICHE.

PORTUGAL.

X.

A VILLA e a praça de Peniche estão situadas a doze leguas [por mar dezoito] ao noroeste de Lisboa em uma península comprehendida nos limites da provincia da Estremadura, e que,

JUNHO 18 — 1842.

tendo sempre feito parte da comarca de Leiria, hoje pela ultima divisão pertence á de Torres-Vedras.

A península é o terreno d'um promontorio, que da costa do reino de Portugal fronteira ao occaso, quasi no meio da distancia do rio Mi-
2.^a SERIE — VOL. I.

nho ao Cabo de S. Vicente se prolonga pelo oceano, e fica em 9. 2. de longitude, e 33. e 30. de latitude. O isthmo que a une ao continente é uma extensa praia que do norte ao sul tem junto da península quatrocentas braças.

O A. da Corographia Portugueza fallando de Peniche no tomo 3.º de sua obra a pag. 144 e 145 diz, que a palavra latina = península = alterada com o andar dos tempos dera o nome a Peniche. Mas com quanto esta etymologia pareça rasoavel e menos arbitraria do que outras muitas; é todavia certo, que tal nome só lhe é proprio desde quando a natureza, ou o concurso de diversas causas naturaes e seus effeitos lhe deram o aspecto que hoje tem: pois que d'antes, em seculos mais remotos, ha mais de mil e novecentos annos, quando alli se refugiaram os herminios perseguidos por Julio Cesar, era ella perfectamente = insula = uma ilha, e como tal tida por uma das Berlengas. Tem aquella península legua e meia em circuito; e nos altos e fragosos rochedos que pelo mar a cercam poz-lhe a natureza defeza invencivel. Em todo o tempo tem sido, e sempre continuará a ser uma estação favoravel a toda a sorte de embarcações nacionaes e estrangeiras, que nas occasiões de nortias insupportaveis alli vão ancorar seguramente no remanso que lhes offerece a costa do sul. Tambem algumas vezes em tempestades do sul podem as embarcações estar seguras na enseada do norte. Os mares adjacentes abundam em peixes de muitas qualidades, e em mariscos dos maiores; e os rochedos, costas e pedras proximas criam em abundancia grande variedade de mariscos mais pequenos. Em todo o continente que a península comprehende em seu ambito nenhuma serra, nenhum monte se levanta; e ainda que por esta causa se possa chamar plano, todavia da parte do nascente onde fórma uma grande baixa, que pela maior parte fica no mesmo nivel da praia, se eleva insensivelmente para o sul, poente, e norte, notando-se na extensão do semicirculo em torno daquella baixa alguns outros altos pouco prominentes. De muitos logares da península descobre-se um extensissimo e mui vistoso horizonte.

A villa de Peniche é dividida por muitas ruas espaçosas do norte ao sul, cortadas por outras muitas que do nascente ao poente as atravessam: duas porem das primeiras, assás longas, comprehendem toda a grande extensão que a villa tem; todas as outras, que correm entre aquelles quatro sitios cardinaes, terminam em diversos pontos. Umas e outras seguem parallelas com poucas differenças. Neste repartimento de ruas ha muita regularidade;

a mesma se nota na sua edificação, que em muitas partes ostenta grandeza.

O aspecto da villa é alegre e desassombroso; o seu assentamento é plano, á excepção da parte do sul onde algum tanto se eleva: peloque, e porque a cortina que naquella parte corre ao longo do porto, entre o baluarte da Misericordia e o das Cabanas, ultimo ao sul, é mais baixa, deixa Peniche naquelle sitio ver a sua perspectiva, occultando-lh'a em toda a mais extensão as fortificações que a guarnecem.

É Peniche muito lavada de todos os ventos que alli reinam sem embaraço algum: os seus ares são saudaveis. Está dividida em tres parochias, a de N. Senhora d'Ajuda, a de N. Senhora da Conceição [antigamente, e ainda hoje chamada tambem de S. Sebastião] e a de S. Pedro. É sede d'um vigario da Vara sujeito ao arcediogo d'Obidos. Os templos das tres parochias são de conveniente capacidade e decentemente ornados; o da Senhora da Conceição é um tanto pequeno; a todos porem excede em grandeza e magnificencia exterior e interior o de S. Pedro (*), ainda que na perspectiva ficou incompleto, por se não ter acabado uma torre igual á que tem. A capella-mór, camarim, e throno são obra magnifica. Tem capacidade este templo para ser uma cathedral; o seu interior é dividido em tres grandes naves por duas series de soberbas columnas da ordem toscana. Ha tambem a igreja da Misericordia, de bastante capacidade, e ornada com a maior decencia: é notavel, e é rico o interior do seu tecto; cinco series de grandes quadros a oleo em pano o cobrem inteiramente: nelles se vê por ordem toda a serie de factos do Novo Testamento. São cinco as series destes quadros, tendo cada uma onze, e sendo ao todo cincoenta e cinco, obra, a maior parte delles da insigne pintora Josefa d'Ayala, ou d'Obidos. Tres destes famosos quadros que se achavam em parte destruidos por grandes roturas foram em 1812 exactamente restaurados pelo pintor Antonio José Rodrigues Raicta, natural de Braga, fallecido na manhaõ do dia 11 de novembro de 1841 em Lisboa, quasi na idade de 90 annos. Foi homem de grande habilidade; e mesmo em esculptura deixou algumas obras não despiciendas. Deus queira, que a administração da Misericordia assim como attende ao seu hospital mantido e tratado com toda a regularidade e accio, se não descuide jámais da conservação daquelle tecto preciosissimo. Pena é que a sua dotação lhe não offereça rendimentos tão grandes que podesse amplamente remediar os casos de sua

(*) E' o que se divisa mais saliente na gravura.

competencia que diariamente se lhe offercem. — Alem do estabelecimento da Misericordia ha tambem a casa ou capella do Corpo Santo dos maritimos de Peniche. Rege-se por compromisso feito em 31 de março de 1505, ao qual fizeram supprimento e acrescentamento muito bem ordenado e escripto em 3 d'agosto de 1587, confirmado por carta regia de 20 de setembro de 1589, e por outros regios diplomas, pelos quaes foram tambem concedidos áquella corporação maritima muitos privilegios, que hoje, e de ha muito só existem escriptos. Tem esta corporação dois fins: um de obrigação pelo compromisso, outro espontaneo: as funcções do culto divino são o primeiro, para o qual ficou regulada tal contribuição que para mais nada é; o segundo é um monte-pio pelo qual os maritimos, suas viuvras e filhas donzellas tem nas suas enfermidades medico, cirurgião, e os que necessitam outros subsidios para tratamento, e tem finalmente o funeral: as contribuições para este monte pio são voluntarias; podem desfaze-lo toda vez e hora que quizerem; e mesmo quanto ao fim obrigativo tem pelo compromisso e confirmação igual liberdade, que atéqui não puzeram em pratica, permanecendo esta corporação ha seculos. Acha-se porem alcançada, porque sendo a despezas certa e grande, os rendimentos de ha uns annos a esta parte, em que os lucros maritimos tem escaceado muito, não a tem podido igualar.

Ha tambem na villa a igreja de St.^o Antonio, capella da ordem terceira, que ha muitos annos cessou em suas funcções religiosas: e na cidadella a lindissima capella de St.^a Barbara, orago da praça. Havia tambem a igreja de S. Marcos, que ha muitos annos está applicada a usos militares, tendo sido ora quartel, ora hospital, ora arrecadação. No campo ha as ermidas de St.^a Cruz, de St.^a Anna, do Calvario, e de Nossa Senhora dos Remedios, e esta muito bem conservada, e com muitas casas e acomodações em roda para os cirios e familias que da villa, e de outras muitas terras frequentam aquelle sitio [que é na Costa do Occidente] desde agosto até novembro: não se mencionam as ermidas de N. Senhora da Victoria contigua ao farol do Cabo de Carvoeiro, a de N. Senhora do Abalo, parte do convento do Bom Jesus, nem a excellente igreja deste convento, por estarem todas tres arruinadas.

Gozou Peniche de particular affecto e protecção dos condes d'Atouguia, donatarios d'Atouguia e Peniche: D. Luiz d'Ataide, o restaurador da India, cujos restos mortaes, por elle assim o determinar, foram trasladados do oriente para o sobredito convento, que elle

mesmo mandára fundar; deu a Peniche varias demonstrações do seu affecto; e D. João Gonçalves d'Ataide foi quem poderosamente influuiu para que Peniche em 1778 fosse elevada á cathegoria de villa.

O Sr. rei D. João 5.^o se dignou visita-la; e o Sr. D. João 6.^o ainda principe regente a honrou com sua presença, residindo por oito ou mais dias no palacio da cidadella em 1806. Ao Sr. D. Pedro 2.^o, quando principe regente, mereceu o porto de Peniche particular attenção, mandando-o melhorar em 1671, como consta de uma memoria que o terremoto de 1755 arrancou do logar onde então fôra posta, e ha muitos annos existe na cidadella da praça.

Todo o terreno da peninsula é cultivado: todos os generos cereaes e fructos que produz são excellentes: o vinho, porem, de que já têm colhido mil e mais pipas, é o objecto de sua maior cultura. O commercio das pescarias attrahe á peninsula na roda do anno muitos e muitos milhares de pessoas de todas as terras da provincia da Estremadura, até á distancia de doze leguas, por terra, e das outras provincias que se estendem ao oceano, por mar.

[Concluir-se-ha] (*).

CULTURA DAS AMOREIRAS.

4.^o

IMPORTA muito estabelecer o numero de amoreiras, que devem caber nos limites dados de uma plantação: a experiencia e os principios agronomicos descobriram e estabeleceram que uma amoreira precisa de uma circumferencia livre de seis toezas [36 pés] em bom terreno para bem vegetar e dar excellente producto; em terreno mediocre só carece da circumferencia de quatro toezas [24 pés], e nos máus terrenos apenas de tres [18 pés], como vamos provar. — Com effeito, trinta e seis amoreiras brancas ou pretas podem occupar um quadrado de vinte e quatro toezas em bom chão: e assim vegetarão bem, far-se-hão volumosas, robustas e copadas, a ponto de dilatar e ramificar as raizes n'um espaço de terra desta dimensão. — O mesmo numero de pés em chão mediocre só occupará um quadrado de dezesseis toezas, porque sendo mal nutridas essas arvores nem serão volumosas, nem de grandes ramos e copa, nem abundantes em raizes, e

(*) Toda esta noticia é recopilada de uma memoria, que devemos aos conhecimentos e curiosa investigação do Sr. José Nicolau da Silva Franco, residente em Peniche: da mesma igualmente nos aproveitaremos no 2.^o artigo, que tratará da praça e de algumas interessantes particularidades historicas.

porque só produzirão pouca folhagem. — Em máu terreno o mesmo numero de plantas tomará apenas o espaço quadrado de doze toezas, porque vegetam mal e o seu producto é quasi nullo. — A mesma experiencia assegura, conforme os preceitos d'agronomia, que a amoreira *alta* deve ser cercada, em terreno mingado, de uma circumferencia livre de tres toezas, a *baixa* só requer duas toezas, e a anaã toeza e meia: deste modo em terras estereis, trinta e seis amoreiras altas occupam um quadrado de doze toezas, trinta e seis baixas oito toezas, e trinta e seis anaãs só seis toezas. Se estas regras de proporção estabelecidas pela mais escrupulosa experiencia servirem de guia ao agricultor para formar o amoreiral, não atraçoarão sua esperanza e fadigas, e o bom resultado fará prosperar o plantio. É mister que este tenha logar, segundo as leis agronomicas, nas mesmas epochas que se observam para a formação do segundo viveiro, e quer na primeira ou na segunda destas epochas é sempre preciso começar preparando o terreno escolhido, preparação que se deve repetir tres vezes em cada epocha antes de dispor as amoreiras, e na terceira é que se hão de abrir os fossos ou covas que tem de receber o numero fixo de pés que devem compor o amoreiral. Para este fim aconselha a boa pratica que o primeiro trabalho para a primeira epocha se faça em abril, o segundo em maio, e o terceiro em junho: e para a segunda epocha a primeira preparação será em setembro, a segunda em outubro e a terceira em novembro ao mesmo tempo que as covas; cada uma das quaes deve ter tres palmos de fundo por quatro e meio de largo, e se espalhará a terra, que se tirar, á roda da circumferencia das mesmas, a fim de a expor plenamente á influencia do sol e da atmosphera terrestre: quaesquer que sejam os incidentes da temperatura, deve a terra, depois deste trabalho, ficar em descanso até o momento da plantação. Chegando este, traz-se para o pé da cova uma porção de terra vegetal estrumada, sufficiente para a encher ao menos até o terço da altura. Segue-se extirpar, tirando com cuidado as raizes e os pés d'amoreiras mais formosos, que se acharem no primeiro ou segundo viveiro, conforme o methodo seguido para os extrahir que na primeira transplantação indicámos: as plantas que nos viveiros se acharem irregulares deixam-se vegetar ou para criarem maior força ou para outros destinos. Uma vez acabada a extirpação e distribuição do numero necessario dos pés, que para o fim de serem dispostos devem estar collocados á beira das covas, revolver-se-ha a terra do fun-

do destas covas com a pá (*) meio palmo de profundidade para destruir a codea que tenha creado: tomar-se-ha uma estaca da grossura de pollegada e meia de diametro, com que se fará um boraco no centro de cada cova, tão profundo que recebá, sem precisar obrigar com a mão, um terço pelo menos da raiz mestra da planta. Introduce-se a principal raiz, consolida-se enchendo o boraco logo com terra vegetal, e para que fique direita a arvore se lhe porá um tanchão delgado de maneira que sustente em posição bem vertical a terra amoreira que a elle se arrima e que deve ser ligada ao de leve. Isto feito, se encherá o terço da profundidade da cova com terra vegetal, que d'antemão alli ao pé hade estar posta, sem comtudo a calcar, vasando-a de tal forma que a menor raiz da amoreira possa conservar a disposição natural do seu lançamento: os outros dois terços da altura da cova entulhar-se-hão com a terra que se cavou para a formar e que está á beira; e se hade pôr esta em forma de monte conico, sahindo do cimo a vara da planta, como um páu de bandeira: esta elevação terá pelo menos quatro pollegadas acima do nivel do chão, em occasiões convenientes se endireitará e será regada, cobrindo-se com uma camada de palha basta e por cima outra de terra para que fique sujeita ao pé da amoreira, e a abrigue contra a vehemencia do calor do sol, o desnivelamento das terras, e as chuvas demasiadas, que prejudicam as raizes do vegetal, e enfim servirá de economisar a humidade essencial á vegetação no verão. — Em cada cova se hade seguir o mesmo methodo, e finda a plantação devem cerca-la com tapumes ou sebes d'arbustos bem entrelaçados, ou estacaria bem fechada, ou gradamento, que proteja as arvores novas da roedura dos herbivoros, e de todo e qualquer piso que possa calcar a terra adjacente a ellas. Localidades haverá em que alem destas precauções será preciso abrir uma valla, da banda de fóra do tapume, por causa dos estragos que póde causar o gado grosso. Continuará como nos viveiros o mesmo cuidado na monda das hervas inuteis, para que fique mais desembaraçado o chão durante as longas sêccas para a rega, que então se deverá fazer uma ou duas vezes por dia, sómente á roda do pé de cada amoreira e um quasi nada na área que a circumda. Importa embrulhar com feno ou palha os rebentões dos ramos novos para defende-los de calores violentos ou de frios intensos, cuja influencia em qualquer dos dois casos poderia crestar a folhagem tenra, e o tegumen-

(*) A enxada é o instrumento mais usado entre nós; neste caso presumimos que se deve usar a saxóla.

to essencial á sua conservação em quanto se | fim destruir as larvas dos insectos e olhar por
desenvolve, e que por isso extinguiria a arvo- | quaesquer accidentes, que sendo prejudiciaes
re. As visitas repetidas do agricultor terão por | ao plantio, se hão de remover ou prevenir.

O DESACATO, OU O CALADO É O MELHOR.

Romance historico.

1630 — 1631.

I.

Caminho de Santa Clara
Vai Simão Lopes Soliz;
Alta noite, cavalgando;
Sabe a que, mas não o diz.

Usa ir só quando lá vai,
Não conhece elle terror,
De ha muito no peleijar
Provado tem seu valor.

Se veste os pés do ginete,
Se do motim se acautela,
Nada por si se arreceia,
Por outrem só se desvella.

Cumprê leal, cumprê á risca
As leis da cavalleria,
Antes a si se perdêra,
Que perder a quem vigia.

«Meu coração, porque bates
Pressuroso?!... contrafeito?!...»
— E temendo lhe não fuja
Contra si comprime o peito.

«Sobresaltos d'alegria
Que outras vezes experimento,
Que dobram quanto mingúa
O caminho do convento.

Onde estais que vos não sinto?!
Desventura só prevejo,
Que me aconselha não busque
Quem só ver tanto desejo!

Certo foi que modelaste
Teu bater descompassado
Pelas ondas desse Tejo
Que vai hoje tão irado!

Qual o fim, não o conheço:
Méro acaso!? Claro aviso!?
Ou me falla, ou se não queres,
D'incertezas não preciso.

Agoiros de que me valem
Se meu mal heide soffrer?
É castigo duplicado
Não o quero padecer.

Que tormentos de sobejo
Já se contam nesta vida.
Simão Lopes, sus! avante!»
Diz — e corre a toda a brida.

II.

Ermo estava todo o campo
Onde existia o mosteiro,
Qu'extra muros de Lisboa
Na grandeza era o primeiro: (1)

Que cinco sec'los vivera,
Que o terremoto arrasára,
Cujo nome ainda conserva
O campo de Santa Clara.

Onde outrora se entoaram
Hymnos da religião,
Só ruido hoje s'escuta
De militar fundição.

Recuar, porem, me cabe
Para o tempo em que existia,
Porque a historia que hoje canto
Não é d'hoje, é d'algum dia.

Quão solemne se tornava
Para o christão verdadeiro,
De luar alumiado
Ver o annoso mosteiro!

Carcer d'humana pureza,
Onde vemos de contino
Vida e morte, ceus e terra...
O mortal e seu destino!

— Meia noite... Meia noite... =
Alguem disse brandamente,
E á janella do convento
Assomára de repente.

Manto pardo conseguira
Cubrir dons da natureza,
Se da mão, fóra da grade,
Não alvejára a belleza.

Tão coitada, tão perdida,
Qual botão de linda flôr,
Cortado, quando podêra
Ver do sol todo o fulgôr.

— Freira moça, e a deshoras
À janella tão sósinha!...
Pensa em Deus? — Não, que pensa-lo
Seu peccado lhe detinha.

Saudades tem desse mundo;
Lá lhe esvaira o pensamento:
E no peito a natureza
Lhe luta com o juramento.

Talvez medos, ou promessas,
Lho fizeram proferir;
Como então era menina
Não lhe soube resistir.

Póde ser. Mas se hoje pensa
No prazer que lhe é vedado,
Antepor-lhe tambem saiba
O dever — que é mais sagrado.

Ai de nós s'elle não fóra,
Que o desejo incontinente
Sem limite redobrára
Todo o mal que o mundo sente.

Que desculpe tuas culpas
Nada vejo, linda freira,
Teu amor a Deus pertence
Té á hora derradeira.

— E sacrilega pancada
Lhe batêra o coração;
Julgou ver seu cavalleiro
Em que os olhos se lhe vão.

Certo, certo não s'engana;
De mais perto elle lhe diz:
Não conheces teu amante
Simão Lopes de Soliz?!

— Quem melhor te conhecêra?
Tens de mim desconfiança?!

Tu que és todo o meu cuidado,
Tu que és só minha lembrança!

Cujo affecto me dá vida;
Olvido me dera fim;
Que se tudo me pedira
Porventura... dera o sim.

— Anjo do céu, não prosigas,
Simão Lopes lhe tornou,
Perdoa a quem por querer-te
Avisado não andou.

O querer com que te quero,
Que jurei quando te vi,
Vence o forte juramento
Que me separou de ti.

É amor que não morrerá
Ao morrer de minha esperança,
Que inda puro se amostrára
Ao soffrer tua esquivança!»

E n'um choro desataram
Taciturnos elle e ella
.....
.....

III.

Da era de mil e seiscentos,
Annos trinta bem corriam,
Terçafeira, e de janeiro,
Quinze dias já faziam.

Fôra a noite pouco e pouco
Augmentando a escuridade,
Que perfeita se tornára
Quasi por toda a cidade.

Só chegado a Santa Engracia,
Luz de fogo se lá via;
Mas que luz? A dos infernos;
E os demonios em folia.

Era a igreja devassada.
O furto... descáro — horror!!...
Em vez de culto blasfemias
Erguiam para o Senhor!

Monstros cevados no crime,
Que offendiam céus e terra,
Sem moral, sem lei, sem nada
Desse bem que o mundo encerra,

Das aras vestes despiam,
E os santos mutilavam,
E a cruz, e cofre, e vaso
Do sacrario arrebatavam!

Para inteiro sacrilegio
Essas almas condemnadas
Impiamente profanavam
Santas fórmulas consagradas!

Nem sequer o pão divino
Evitára a iniquidade!
Eis-ahi onde se próva
Mais de roubo — a impiedade!

O ladrão procura oiro,
Mas só oiro não queriam;
Sobre Deus cuspir insultos,
Mais de roubo, elles faziam.

[1) Mappa de Portug.

IV.

Fugiam sombras da noite,
Que já perto vinha o dia;
Desacato! Desacato!
Era a falla que se ouvia.

E o povo, consternado,
Pelos ruas a correr
Caminho de Santa Engracia
Uns — e outros já de ver.

A justiça pressurosa
Ia por toda a cidade
Sindicando sobre o facto
Com dobrada actividade:

Editaes, por ordem regia,
Nas esquinas affixando,
Severa pena de morte
Todos elles comminando

A qualquer dos habitantes
Que, por caso o mais urgente,
Para fóra da pousada
Dera um passo tão somente!

— Da parte d'elrei faça alto!
A justiça alto bradou:
Assustado o cavalleiro,
«Que me quereis!» perguntou.

— Onde ides a taes des'horas?
«Onde me vou, que vos dá?»
— D'onde vindes?.. Respondei..
E cercao estava já!

«D'onde venho.. d'onde venho»
Diz, e nisto se turbou;
— Pé em terra! — Elle e cavallo
A justiça ambos levou.

Gente a cito se prendia
Por suspeita, inda ligeira,
E a tormentos era posta
Da mais vil, cruel maneira.

Dia d'horror e de susto
É o dia em que a violencia
Acommette impunemente
O refugio da innocencia.

As pesquisas redobravam,
— E de todo não baldadas,
Mostraram, alem do cofre, (2)
Varias fórmas consagradas.

Quatro dellas — ao que dizem —
Pregadas sobre um madeiro,
Por assim crucificarem
Deus tão bom, tão verdadeiro!

Para prompto desaggravo
De tão grande sacrilegio,
Cem fidalgos se ajuntaram
Sob o nome mais egregio;

Não altivo, antes submisso,
Do maior acatamento,
Nome, sempre glorioso,
D'escravos do Sacramento.

Que o festejam em cada anno,
Com zelosa devoção,
Por tres dias de janeiro,
Desde quinze em successão.

(2) O cofre é de tartaruga, guarnecido com cintas de prata. Acha-se guardado no convento do Desaggravo, e é o unico monumento que hoje resta do desacato.

Festa de tão alta pompa
Que na tarde derradeira
Ha procissão, a que assiste
A casa real inteira.

É preceito da irmandade
O não entrar lá ninguem
Com raça de christão novo,
Ou que disse fama tem (3).

V.

A dezeseis de novembro
Do anno que vem citado,
Um dos prezos pelo feito
Foi á morte condemnado.

Gabriel Pereira de Castro,
Doutor nos livros mui lido,
Foi o juiz que a sentença
Rigorosa ha proferido.

— Pelas ruas do costume,
De baração e com pregão,
Defronte de Santa Engracia
Vá o réu em procissão.

Alli as mãos lhe decepem,
E mal forem decepadas
Sejam em sua presença
Ambas de todo queimadas.

E depois em alto mastro,
Porque o povo bem o veja,
Se lhe ponha o corpo vivo,
E vivo queimado seja.

As cinzas ao mar lançadas,
E alguns bens que possuia
Todos fiquem pertenceudo
Á citada confraria.

Mal que da crua sentença
Fôra o povo sabedor,
Nome d'inconsiderada
Começára de lhe pôr.

Que das provas se colhia
Evidencia não haver,
Evidencia tão precisa
Para casos de morrer.

VI.

«Dura pena; quem a soffre
Não s'izenta de rigor;
Mas o homem criminoso
Tem seu crime que lhe oppôr.

Negra mancha, que o castigo
Pouco e pouco tira.. apaga;
Consciencia que o resigna
A soffrer do mal a paga.

Ai! do pobre, do innocente,
Cujo peito cristalino
Não tem crime para a pena
Que lh'impoz seu mau destino.

Mais e mais coitado delle
Se um dever, que tem por santo,
A verdade lhe prohibe
Que elle sabe, e sabe tanto.

Assim és, oh cavalleiro,
Teu amor fez-te infeliz;
Mas á sorte quem resiste,
Simão Lopes de Soliz?!

(3) Louco preconceito desses fidalgos puritanos, que o sabio marquez de Pombal destruiu.

Quando, á volta do convento,
A justiça te prendeu,
E turbado respondeste,
Por maior peccado teu:

Quando aviso regeitáras
De teu leal coração;
Que se crença não merecia,
O desprezo tambem não.

Quando cego te arrostáras
Com amor, tão só, divino:
Mas que digo! tive eu culpa...
Ah! não sei se desatino!

«Sou culpado no desejo,
Nesse amor, que inda ora sinto,
Por quem vivo, e n'outra vida
Viverei, embora extincto?!

Certo não. Foi a desgraça
Que mau fado me fadou,
Que me mata, pelo crime
Que outro braço executou.

E soffrer morte d'afronta
Quem morrer tão só devia!...
Pelo inferno! — Então callára
Estas queixas que fazia

Só comsigo na masmorra,
Onde aguardava o momento
Que a esperanza leva ao homem
Ao trazer-lhe o passamento.

E ficára largo espaço
Nesse estado indefinivel
Em que a dôr, por mais aguda,
Torna o homem insensivel.

E nem o tropel das guardas
Que nessa hora se rendiam,
Nem da proxima enxovia
O alarido que faziam;

Nem o estrondo dos ferrolhos
Em seu correr vagaroso,
Nada havia que o tirasse
Do lethargo perigoso.

Restrugiram d'improviso
As portas de par em par,
Homem de sinistro agoiro
Lhe cruzára o limiar.

O carcereiro que prestes,
Com seu fallar de trovão,
Despertára Simão Lopes,
Lhe tranzára o coração.

Aqui tens — lhe diz aquelle —
Dois melões. Vem de presente.
Uma velha ora mos trouxe
Para os dar ao padecente!

Não disse de d'onde vinha,
Deu-me o bilhete que vês,
Que já li. — A segurança
Faz-me ás vezes descortez.

Retirou-se. — Caso estranho!
Simão Lopes exclamou:
Abre o escripto n'um relance,
Eis a fraze que encontrou:

== O calado é o melhor. ==
Um dos fructos assim vinha;
Mas que delle se não diz
Logo Simão adivinha.

E que muito? se na lettra
Do bilhete distinguia
Sua amante, que o fizera,
Seu temor, sua agonía.

Que o ardil lhe sugerira
De lembrar occultamente
Segredo, que sua honra
Manifesto não consente.

E o prezo soluçava ,
D'alegria e de tristura ,
Uns soluços , que nasciam
Da desgraça e da ventura !

« Oh ! que mal , que mal conheces
O amor de quem amante
Julga só que ha bem na vida
Por julgar ser-te constante .

Que a morrer por ti se afoita ,
Que morrer por ti só quer ,
Por querer illesa a honra
D'um anjo — que não mulher .

Deste golpe me olvidára
Sendo pena o meu cuidado
Certo que to não merecia .
Ai ! pobre de mim , coitado ! . . . »

E coitado que bem era :
E quem delle não ha dó ?
— Dessa freira o vão receio
Fraco amor descobre só .

Teme a nodõa da deshonra ,
É virtude o seu temor ;
Mas outrora não a via ,
Via só o seu amor !

Hoje córa quando pensa
Que seu crime sabe o mundo :
Deslembrára um Deus eterno
Esse rosto pudibundo ! !

VII.

Boa nova lá d'Hespanha
A Lisboa que chegava
Espalha ser innocente
Este que se condemnava .

Nos degraus do cadafalso
Bem o havia confessado
Um réo , que a pena de morte
Fôra lá sentenciado .

Declarou ser elle mesmo
Cumplido no desacato ,
Que a Castella se fugira
Por augmentar de recato :

Que do prezo Simão Lopes
Elle jurava a innocencia ;
Mas a nova chegou tarde
— Segredos da Providencia !

Simão Lopes se finava
Com solemne profecia
Que — segundo a tradição —
Fez nessa hora d'agonia .

« É tão certo que sem crime
Esta morte vou soffrer ,
Como certo que não minto
No que vou ora dizer : = »

— Nunca se dêrão por feitas ,
Por mais sommas empregadas ,
As obras de Santa Engracia
Que ahí vedes começadas !

Este dito foi sentença ,
Tornou-se proverbial ;
Por então não era prova
Que o livrasse de seu mal .

Foi má sina que a verdade
Descubrir tão tarde quiz :
Quão tremenda não seria
Sua voz para o juiz ? ! . .

Desgraçado ! sem repouso ,
No futuro sem esperanza ,
Escutando de continuo
Vingança ! sempre vingança !

E tu , christão piedoso ,
Se choraste o malfadado ,
No Campo de Santa Clara
Tens padrão alevantado .

Onde mesmo se cumprira
A sentença rigorosa
Corre lá . . falla-lhe n'alma ,
Sólta reza fervorosa .

Corre , corre . . — Que me lembras ,
— Santo Deus ! — justa memoria ?
Mal de mim , do meu engano ;
Minha voz era illusoria !

Sim , que a sorte partilhára
D'outros tantos monumentos ,
Cujá vida só conservam
Occulta nos fundamentos ! . . . (4) .

J. da C. Cascacs.

NOTA.

Colhi a primeira idéa deste romance d'uma conversa que tive com um amigo, em que por alto me contou a historia, affiançando-me ser tradição mui sabida pelas nossas boas velhas de Lisboa. O assumpto, romantico em si, andar pela boca de velhas, e de Lisboa, preteridas sempre, em casos taes, pelas das provincias, determinaram-me a executar um romancesinho, senão para ser cantado, ao menos recitado por essas velhas lisboenses a quem só o dedico. — Quanto á parte propriamente romantica, a tradicional, ouvi diversas pessoas; e como achasse pontos duvidosos segui o parecer das que julguei mais competentes. Citei d'entre ellas uma devota madre e decana do convento do Desagravo de Lisboa, fundado pela eximia artista a Sr.^a infanta D. Mariana, em religiosa satisfação do desacato que no romance se menciona. Ampliei a tradição quanto pude, recorrendo para isso a Brito de Lemos no seu *Abc. Milit.*, *Agiologio Lusitano*, *Anno Hist. Vida da madre Maria do Lado*, *Mapp. de Port. de J. B. de Castro*, e sobre todos á *Hist. da fundação do R. conv. do Lourical*, donde transcrevi a sentença e mais alguns promezores que os outros não declaram.

(4) Era uma cruz de pedra que dantes havia no Campo de Santa Clara, e que não escapou á *demoli-mania*.

Aguardente de figos. — Não só a abundancia destes fructos no Algarve fornece ampla exportação para differentes pontos do reino e paizes estrangeiros, mas tambem extrahem delles uma casta d'aguardente. N'uma memoria do Dr. Constantino Botelho achámos a maneira de a fazer. Deitam os figos n'um balseiro e sobre elles agua quente ou fervendo quanta baste para ficarem todos cobertos: estão de infusão dois ou tres dias até estarem bem ensoçados; depois tiram-se e retalham-se e se faz segunda infusão que dura 24 ou 36 horas, passado este tempo são tirados outra vez os figos e espremidos; o liquido que resulta da pressão e das duas infusões é envasilhado em uma pipa; no 4.^o ou 5.^o dia de fermentação vinhosa começam a distillação do liquido. — Outros fazem mais imperfeito este trabalho; pisam os figos com os pés, e sómente fazem uma infusão, em que estão os fructos por oito

dias pouco mais ou menos, e passado este tempo é distillado o liquido; e como por falta de appparelhos convenientes não procedem á pressão dos figos perdem uma boa parte daquelle fluido vinhoso, e por consequencia vem a ter menor quantidade d'aguardente.

Se as duas operações, da fermentação e destillação, forem reguladas pelos principios chymicos se obterá maior porção de aguardente e melhor em qualidade. É preciso escolher os figos mais doces; e como tem de ser dissolvida a substancia saccharina, cumpre que se faça a infusão: continúa o Dr. Botelho [lente que foi de physica em Coimbra] que será melhor retalhar os fructos para facilitar a acção dissolvente da agua, e como esta é augmentada pelo calorico julga conveniente que aquelle fluido tenha uma temperatura elevada. A fluidez deve sómente ser precisa para haver a fermentação vinhosa e aquelle jogo de affinidades

necessario para naquella operação se formarem os differentes productos; por isso a quantidade da agua da infusão deve ser determinada pela experiencia. O calorico thermometrico, necessario para a fermentação, ha sempre no Algarve, em rasão da sua branda temperatura, e se comprova por experiencias. É tambem essencial attender a que esteja concluida a fermentação vinhosa, quando se começar a distillação. Por falta de attenção a estes principios sahe a aguardente muitas vezes má, ora com um cheiro e sabor a fumo, como vulgarmente dizemos, ora ao fructo de que é feita. E isto procede de não haver boa escolha dos figos, de fazerem a infusão quando começam a apodrecer, ou tambem de distillarem o fluido vinhoso quando já principia a estar azedo. Removidos estes defeitos a aguardente sahirá boa.

SOBRE A ORIGEM DA PINTURA.

A ORIGEM da pintura é muito incerta: alguns attribuem-na a uma certa Corinthia (1) natural de Sycione, que pela sombra retratava a seu amante em uma parede; outros a Filocles e a Giges, egypcios, ou a Cleantho e Arcides, de Corintho, ou em fim a Telephanes, sicyonico, mas as suas obras eram tão informes que escreviam o nome da pessoa ou cousa retratada para se conhecer. Taes eram [diz um auctor moderno] antes da guerra de Troya as primeiras tentativas de uma arte que pôde depois immortalisar os Zeuxis e os Protogenes. Cleophanto, de Corintho, 840 annos antes de Christo, inventou as pinturas *monochromatas*, isto é de uma só côr, a que chamam claro-escuro ou camafeu. Eumaro foi o primeiro que pintou figuras inteiras, e Cimon seu discipulo imaginou os escorços, marcou as articulações, desenhou roupas e variou as attitudes. Bularcho, que viveu um seculo depois de Cleophanto fez um quadro da batalha dos magnesios contra Caudale rei de Lydia. Este principe o achou tão bello que o cubriu de peças de ouro para o pagar. Agatarcho de Samos pintava as decorações do theatro para as obras de Schillio, e escreveu sobre a perspectiva. Polignoto, natural da ilha de Naso, foi o primeiro que soube dar expressão aos rostos das figuras, e e que lhe deu mais ligeireza, mais graça e mais desembaraço. Os amphictyões lhe decretaram corôas de ouro, logar distincto no theatro, e lhe concederam alojamento á custa do publico em todas as cidades da Grecia. Alguns dizem que este premio lhe foi concedido por

(1) Tal é o nome, que traz Plinio, sem haver outro testemunho desta invenção.

ter pintado a celebre batalha de Marathona, obra que quasi todos attribuem a Peneus, irmão de Phidias, que tambem foi pintor e retratou Pericles. Mr. Rollin na sua Historia antiga ora a crê feita por um, ora por outro. O certo é que este Peneus no primeiro concurso de pintura feito em Corintho e Delphos foi vencido por Timagoras, que compoz um poema da sua victoria. Plinio assevera que ainda se lia no seu tempo.

Com tudo passou ainda não menos de um seculo antes que Apollodoro, atheniense, que viveu 400 annos antes de Christo, desse entrada aos formosos e bellos dias da pintura pela introdução da verdade ideal e por um excellente colorido, ainda que Zeuxis seu imitador o viesse com o tempo a exceder, como elle mesmo confessa. Parrhasio foi o primeiro que observou a symetria, e que deu vida, movimento e acção ás figuras e muito vulto aos corpos; fez bem os cabellos, e era assás expressivo. Timante, celebre pelo sacrificio de Efigenia, pelo Cyclópe, e por outras judiciosas composições, precedeu Pamphilo, que para a perfeição da arte tirou muitas vantagens da cultura das Bellas letras. Aristides, ainda que secco (2) exprimiu melhor que nenhum as paixões d'alma, e foi contemporaneo do grande Apelles. Em artigo mais especial daremos alguma idéa deste grande mestre da respeitavel antiguidade, e do quanto lhe deveu a nobre arte da pintura.

PENSAMENTOS.

A ORDEM é um grande meio d'independencia e um signal caracteristico da nobreza e elevação d'alma: é o calculo dos proprios meios a fim de nada solicitar dos outros.

Nunca ponhaes em deliberação se haveis de plantar, dizia o velho Catão, mas deliberaei muitas vezes antes d'edificar.

Aquelle que corta as arvores que seu pai plantou alienará a casa que elle construiu; e depois não duvidará vender tambem a reputação que delle recebeu.

Virtude, saude, talento e felicidade são os fructos da attenção e da paciencia: estas duas qualidades são necessarias em tudo: são ellas os primeiros elementos e fundamentos moraes do nosso procedimento. Até o *genio*, dizia Buffon, dellas depende.

(2) Secco ou duro se diz que é o pintor quando elle nas suas obras colloca os claros muito ao pé dos escuros sem deixar uma praça sufficiente de meia tinta e quando os contornos são recortados, isto é desunidos do seu fundo.

Os senhores assignantes nas terras, onde a Sociedade não tem correspondentes, e que subscreveram por seis mezes a findar com o n.º 26, querendo continuar terão a bondade de renovar quanto antes a assignatura, dirigindo-se com a respectiva quantia, porte pago, ao Escriptorio da Direcção, a fim de não experimentarem interrupção no recebimento do Jornal.